

Lideranças comunitárias ressaltam a sinergia entre a crise social e a crise sanitária da COVID-19: crescem a insegurança alimentar, o desemprego e as críticas ao auxílio emergencial e ao governo.

Principais conclusões

- Dois novos problemas surgiram no horizonte das lideranças comunitárias: dificuldades ligadas à vacinação e insuficiência do novo valor do auxílio emergencial.
- 72% das lideranças comunitárias continuam citando problemas ligados à insegurança alimentar e 69% à falta de emprego e renda, valores expressivamente mais altos do que os registrados na última rodada da pesquisa (agosto de 2020).
- Em um ano (junho de 2020 vs. junho de 2021), relatos sobre dificuldades ligadas à infraestrutura - como a falta de água e a falta de recursos para pagar o aluguel - experimentaram um aumento de 13 p.p.
- Acompanhando os movimentos acima, a insatisfação com a atuação do governo na pandemia também subiu nas comunidades mais vulneráveis.
- Na comparação com junho de 2020, problemas como aumento do contágio e aumento do número de óbitos por Covid-19 foram substancialmente menos citados.

Introdução

O presente **texto para discussão** traz resultados da quinta rodada de coleta de dados do **Painel** de monitoramento com lideranças comunitárias sobre os impactos do avanço da pandemia de Covid-19 realizado pela Rede de Pesquisa Solidária (RPS). O registro regular de informações sobre os principais problemas que as populações mais vulneráveis enfrentam com a pandemia ajuda o poder público e as próprias comunidades a gerenciar riscos e antecipar crises.

A Rede ouviu, identificou e sistematizou problemas críticos relatados por dezenas de lideranças de comunidades, bairros e territórios de alta vulnerabilidade social em diferentes regiões do país. Para este **texto para discussão**, foram contatadas as mesmas lideranças das quatro ondas do monitoramento consolidadas nos Boletins # 7, # 12, # 17 e # 24 da Rede de Pesquisa Solidária, assim como novos representantes das mesmas regiões. O levantamento, realizado entre os dias 1º e 14 de junho de 2021, traz os resultados de 68 entrevistas realizadas com lideranças de áreas urbanas das regiões metropolitanas de Manaus, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Distrito Federal, Salvador, Joinville e Maringá.

As lideranças e representantes comunitários são fontes estratégicas de informação, pois estão permanentemente mobilizados para enfrentar os problemas mais graves que atingem suas localidades. Em diálogo constante com os moradores, recebem demandas, gerenciam conflitos

e possuem olhar mais integrado dos territórios onde atuam. Cabe registrar que a Organização Mundial da Saúde (OMS) ressalta a importância do engajamento comunitário para a efetiva comunicação dos riscos e do controle da epidemia em contextos locais, principalmente nas comunidades mais vulneráveis. Por seu conhecimento do território, por sua experiência e pela capilaridade de suas redes pessoais, as lideranças comunitárias exercem papel chave na disseminação de medidas de prevenção ao vírus e na construção de soluções alternativas aos danos econômicos e sociais da pandemia.

Este **texto para discussão** apresenta os resultados do processamento de consulta feita a essas lideranças. Mais especificamente, de uma entre três perguntas feitas a elas¹. A metodologia utilizada não prevê estímulo a temas ou menção a problemas específicos porque um de seus objetivos é a captura de situações e eventos inesperados gerados pela crise atual.

Resultados

Esta quinta rodada de coleta de dados do **Painel** apontou que os problemas materiais causados pela pandemia – como fome, renda e emprego – figuram novamente como os mais citados entre as lideranças comunitárias de diferentes regiões metropolitanas do país. Entre as lideranças entrevistadas, 72% enfatizaram relatos sobre fome e falta constante de alimentação, enquanto 69%, problemas ligados à falta de trabalho e renda. Destacam-se nesta última medição o surgimento de relatos sobre problemas ligados à vacinação contra a covid-19 e as menções negativas ao valor do auxílio emergencial, e, por fim, o aumento de queixas sobre a atuação do governo na pandemia.

Principais problemas enfrentados pelas comunidades

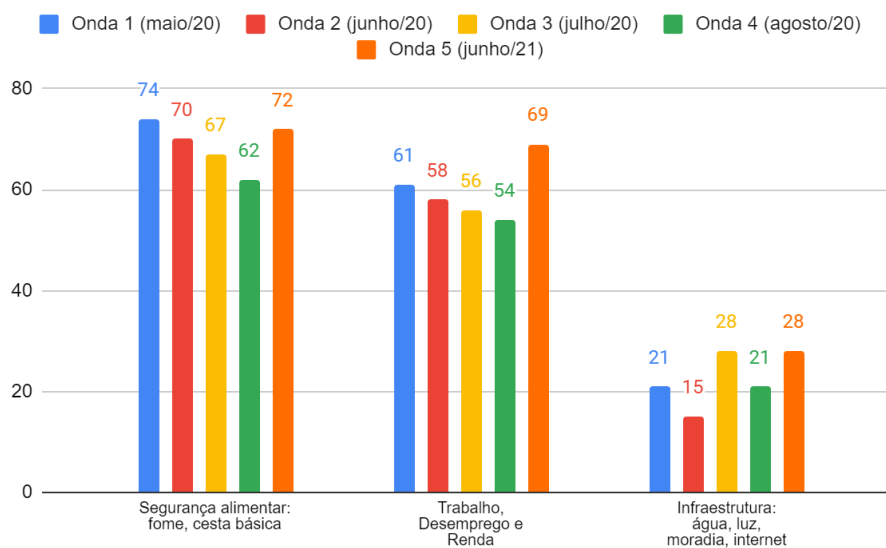
Os gráficos a seguir apresentam os problemas mencionados nas cinco ondas do estudo e ajudam a ilustrar as mudanças de foco das lideranças e a variação das preocupações da população mais vulnerável. Foram separados pela recorrência dos problemas mencionados na última onda do

¹ As três perguntas foram: “As perguntas se referem aos possíveis problemas, conflitos e situações de dificuldade que surgiram ou foram agravadas por conta da pandemia do covid-19 e as políticas para sua contenção - como o distanciamento social, por exemplo. (Pergunta 1) Na última semana que tipo de problemas e situações a população da comunidade/território em que atua tem vivido? Por favor, relate os principais motivos pelos quais as pessoas têm lhe procurado ou os principais problemas que ficou sabendo que estão ocorrendo. (Pergunta 2) Por favor, nos conte um pouco mais sobre as dificuldades impostas pela pandemia, especialmente a maior necessidade de utilizar tecnologias como a internet e dispositivos eletrônicos para atividades essenciais. Em sua opinião, quais foram os grupos mais afetados em sua comunidade pela falta de acesso ou dificuldade de uso das tecnologias, da internet, etc? Como esses grupos foram afetados? (Pergunta 3) Na sua comunidade, existem ações do governo, de entidades, de empresas ou da própria comunidade para garantir que as pessoas consigam acessar a internet? Se sim, quais?”.

estudo, que capturou a perspectiva das lideranças sobre os dilemas vividos na primeira quinzena de junho de 2021.

Gráfico 1 (1/3)

Problemas críticos vividos pelas comunidades durante a pandemia – maior recorrência (%)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.

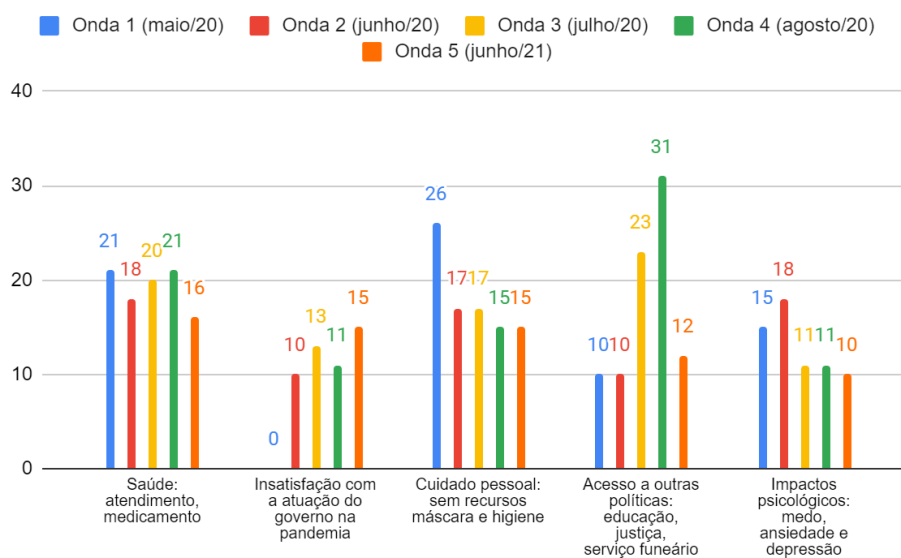
Onda 1: 05 de maio a 11 de maio de 2020. N=72. Onda 2: 25 de maio a 06 de junho de 2020. N=79.

Onda 3: 06 de julho a 16 de julho de 2020. N=75. Onda 4: 17 de agosto a 30 de agosto de 2020. N=64.

Onda 5: 1º de junho a 14 de junho de 2021. N = 68.

Gráfico 1 (2/3)

Problemas críticos vividos pelas comunidades durante a pandemia – recorrência intermediária (%)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.

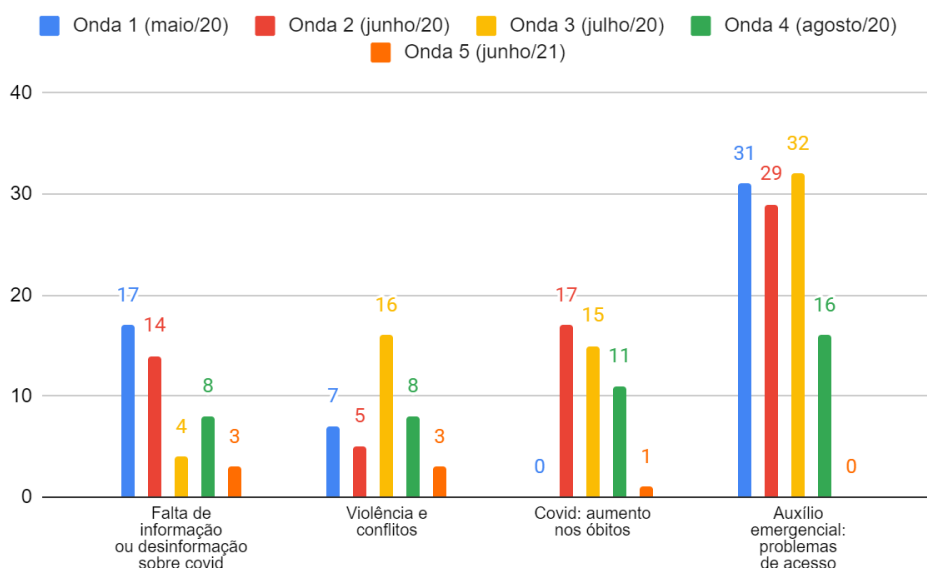
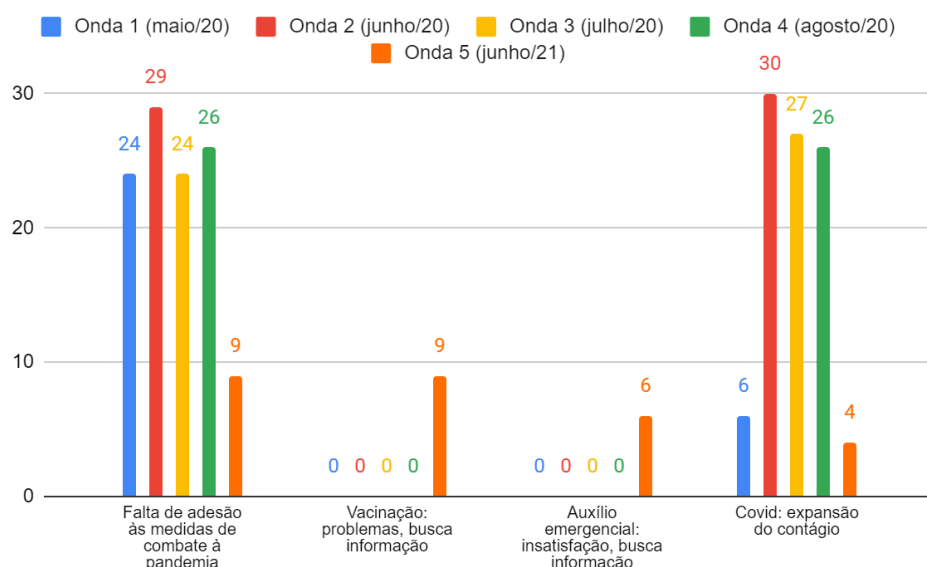
Onda 1: 05 de maio a 11 de maio de 2020. N=72. Onda 2: 25 de maio a 06 de junho de 2020. N=79.

Onda 3: 06 de julho a 16 de julho de 2020. N=75. Onda 4: 17 de agosto a 30 de agosto de 2020. N=64.

Onda 5: 1º de junho a 14 de junho de 2021. N = 68.

Gráfico 1 (3/3)

Problemas críticos vividos pelas comunidades durante a pandemia – menor recorrência (%)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.

Onda 1: 05 de maio a 11 de maio de 2020. N=72. Onda 2: 25 de maio a 06 de junho de 2020. N=79.

Onda 3: 06 de julho a 16 de julho de 2020. N=75. Onda 4: 17 de agosto a 30 de agosto de 2020. N=64.

Onda 5: 1º de junho a 14 de junho de 2021. N = 68.

Os problemas mencionados pelas lideranças comunitárias: o retrato de junho/2021

A quinta onda da pesquisa indicou que o enfrentamento da crise social no contexto da pandemia vem se tornando cada vez mais difícil nas comunidades. Aumentaram as menções à insegurança alimentar e à falta de emprego e renda. Nas quatro rodadas anteriores, essas duas

áreas foram apontadas como as mais problemáticas pelas lideranças comunitárias, mas as menções a essa categoria de dificuldades vinham caindo. Em maio de 2020, 74% dos entrevistados relataram problemas como falta constante de alimentos e fome; em agosto daquele ano, as menções haviam caído para 62%. Já problemas como o desemprego e a procura por renda foram lembrados por 61% das lideranças comunitárias em maio/junho de 2020, número que baixou para 54% em agosto. Ou seja, a tendência de queda observada nas duas ondas sofreu reversão expressiva em 2021.

Na categoria “Trabalho, Desemprego e Renda”, o aumento foi de 15 p.p. entre agosto de 2020 e junho deste ano: as menções a dificuldades nessa área subiram de 54% para 69% entre as duas sondagens, e hoje são mais lembradas do que no início da pandemia (quando, em maio de 2020, 61% dos entrevistados fizeram referências a elas). Em relação à insegurança alimentar, a perspectiva das lideranças é de que a situação é quase tão grave quanto no início da pandemia: entre maio e agosto de 2020, as referências a ela caíram 12 p.p. (de 74% para 62%), mas subiram 10 p.p. entre agosto de 2020 e junho de 2021 (de 62% para 72%). Essa perspectiva veio acompanhada de relatos sobre a diminuição de doações de alimentos e da sensação de que, apesar de serem propagandeadas nos meios de comunicação, as campanhas para isso não têm se revertido em ajuda efetiva às pessoas mais necessitadas.

“A situação, então, hoje, mais difícil é a questão mesmo de alimentos, nós aqui, podemos ver na televisão, na imprensa, quantas doações, milhares e milhares de cestas básicas, de kit higiênico, só na imprensa, porque aqui na nossa comunidade não chega”.

(Liderança comunitária de Jardim Piratininga - São Paulo, SP)

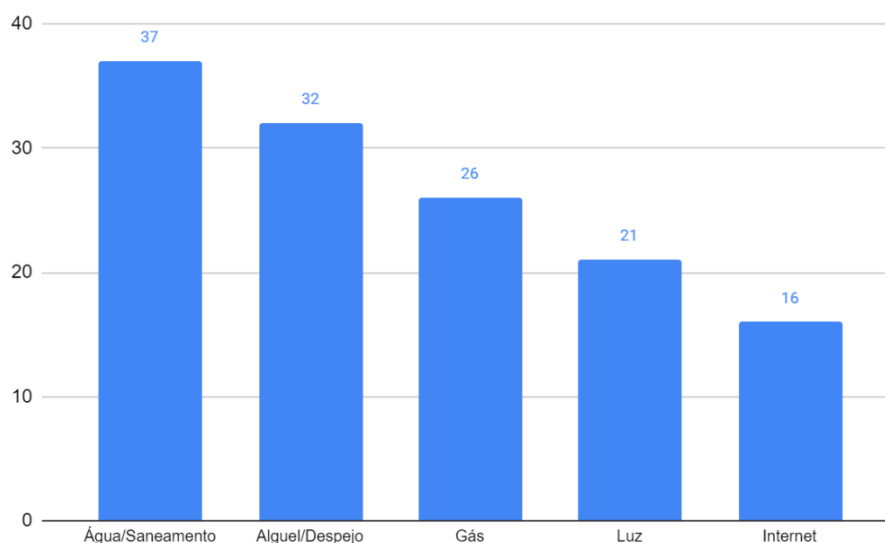
“Falando francamente, a população ‘pobre’ ficou ainda mais ‘pobre’, pela falta do dinheiro, pelo intelectual conturbado a tristeza a falta de lazer entre outros fatores...”

(Liderança comunitária de Vasco da Gama - Recife, PE)

Os problemas ligados à infraestrutura também estiveram entre os mais lembrados pelas lideranças comunitárias em junho deste ano. Na comparação com agosto de 2020, eles experimentaram uma elevação de 7 p.p. (de 21% para 28%). Conforme exposto no gráfico 2, entre os entrevistados que mencionaram dificuldades nesta área, 37% destacaram problemas relacionados à falta de água e de saneamento básico, e outros 32% à impossibilidade de pagar aluguel.

Gráfico 2

Problemas ligados à infraestrutura
(em %)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.
Onda 5: 1º de junho a 14 de junho de 2021. N = 19.

“Então, diante de toda a situação relatada diante de uma pandemia, a situação mais vulnerável que está sendo tratada diretamente aqui no território, na comunidade de Três Carneiros Altos do Ibura, Recife, PE; é a questão da falta água, o abastecimento de água. [...] diante de uma pandemia, higienização, ficar em casa, agora ficar em casa sem água, sem um ambiente limpo...”
(Liderança comunitária do Ibura - Recife, PE)

“Nessa semana que passou tivemos muitos problemas relatados pela falta de água, alimentação, desemprego e pessoas que buscavam um pedaço de terra para construir um barraco pois não tinha mais como pagar aluguel por estar desempregado e acabou tendo que sair de suas casas por não terem conseguido pagar seu aluguel”.
(Liderança comunitária do Campo Limpo - São Paulo, SP)

“Na última semana, a grande procura das pessoas ainda tem sido por questões referentes à segurança alimentar, ou seja, a busca de uma cesta básica, a busca de um apoio para a questão do gás, principalmente. São dois itens que na cidade é muito visível: cesta básica e também a questão do gás. A gente também deve perguntar como é que está a situação da água e luz. Às vezes, por ter muitas ocupações, isso é feito por empréstimo de um vizinho para outro e aí acaba não sendo a problemática do corte”.
(Liderança comunitária do Jardim são José/Vila Capua - São Paulo, SP)

Entre os demais problemas mencionados pelas lideranças, destacamos três: vacina, auxílio emergencial, e insatisfação com o governo. Eles não foram os mais citados em junho

de 2021, mas - assim como os problemas ligados à falta de alimentação, à falta de emprego e de renda, e à falta de infraestrutura - foram mais citados do que em agosto de 2020.

Em relação à vacinação, os problemas apontados são a falta de vacina e a demora na vacinação, a falta de preparo dos postos de saúde para seguir o cronograma de vacinação, dúvidas sobre quais vacinas são mais eficazes, e preocupação pelo número de pessoas mais velhas que deixam de tomar a segunda dose.

Quanto ao auxílio emergencial, nenhum entrevistado mencionou especificamente problemas de acesso, como nas rodadas anteriores. Os que fizeram menção ao benefício destacaram ou dificuldades financeiras e materiais decorrentes do período em que o benefício foi suspenso ou insatisfação com o novo valor pago pelo governo federal. Por fim, a insatisfação com o poder público (federal, estadual e/ou municipal) aumentou 7 p.p. entre a sondagem de agosto de 2020 e a de junho de 2021 (de 21% para 28%).

"A população me procurou para tirar dúvidas de qual vacina é mais eficaz e se corre o risco de ficar sem a vacina".

(Liderança comunitária do Tucuruvi - São Paulo, SP)

"As pessoas mais idosas não têm ido se vacinar para a segunda dose e os mais novos estão angustiados com isto e com a demora da primeira dose para esta população que trabalha".

(Liderança comunitária da Zona 2 - Maringá, PR)

"[...] você tem que levantar muito cedo, tem que ir 5h da manhã para o posto para pegar uma senha para conseguir tomar vacina e aí não consegue pegar a dose, aí pega a doença, vai para o hospital, não tem leito de UTI, a pessoa fica num semi-UTI, que é uma coisa mais adaptada, e aí não resiste à doença, eu acho que vem um ódio todo dessa estrutura que está colocada, uma política de morte colocada principalmente para as pessoas mais pobres".

(Liderança comunitária de Guaianases - São Paulo, SP)

"A primeira leva do auxílio emergencial ajudou bastante as pessoas. Essa segunda parte que o governo está dando agora, de R\$ 200, isso implica um pouco, né, porque você não consegue comprar o básico, pelo menos para sustentar a família. Vai pegar uma cesta básica ali vai pagar uns R\$150 e, se sobrar, uma mistura já não dá para comprar porque o kg da carne está um absurdo".

(Liderança comunitária do Jardim Leni - São Paulo, SP)

"[...] não temos ajuda de nossos governantes então temos que se ajuntar e se ajudar".

(Liderança comunitária do Jardim Lucinda - São Paulo, SP)

Finalmente, cabe observar que, na quinta rodada da pesquisa, as menções categorizadas como "Saúde: atendimento, medicamentos" diminuíram, mas revelam novas dimensões e

frentes à qual o poder público deveria estar atento: o aumento de casos de dengue, chikungunya e gripe, e a dificuldade dos equipamentos públicos de saúde para coordenarem o calendário de vacinação contra a Covid-19 com o calendário de vacinação contra a gripe.

“Novos casos de Covid, pessoas na comunidade adoecendo novamente de corona vírus e de outras doenças que se agravam com os alagamentos como DENGUE, chicungunha e não apenas Covid”
(Liderança comunitária de Caçote - Recife, PE)

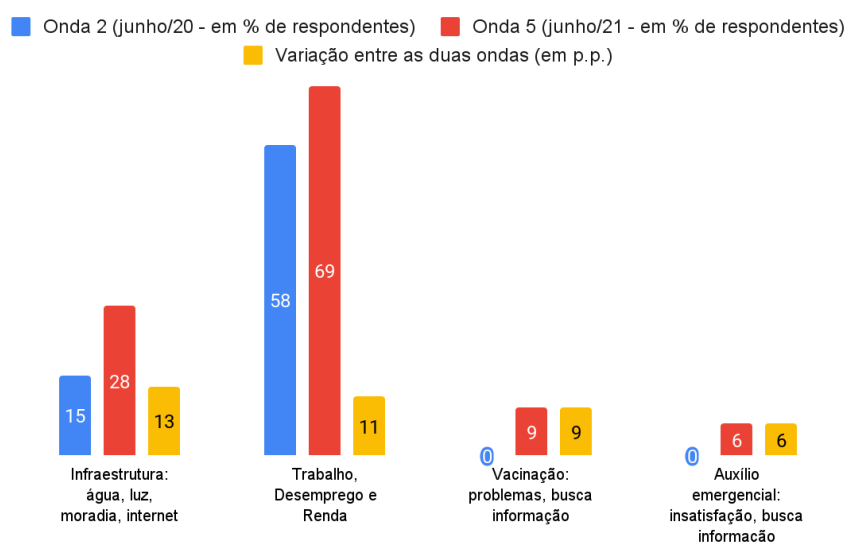
“Há também desinformação do poder público quanto à vacinação da gripe que se encontra no calendário anual de vacina. Antes todos postos vacinavam, agora são poucos e, mesmo assim, mudam toda hora o endereço”
(Liderança comunitária da Zona 2 - Maringá, PR)

A perspectiva das lideranças em um ano: uma comparação junho/2020 vs. junho/2021

Novos problemas foram acrescentados pelas lideranças no intervalo de um ano. Eles eram esperados porque relativos a eventos mais recentes. São problemas ligados à vacinação contra a covid-19 e reclamações sobre a suspensão e o novo valor do auxílio emergencial (Gráfico 3).

Gráfico 3 (1/3)

O retrato de um ano: problemas que se tornaram mais críticos na perspectiva das lideranças (junho/2020 vs. junho/2021)

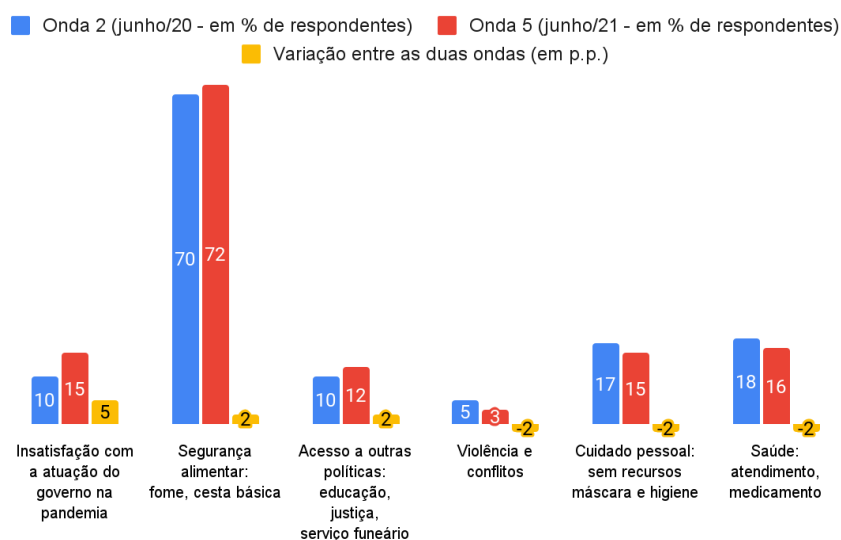


Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.

Onda 2: 25 de maio a 06 de junho de 2020. N=79. Onda 5: 1º de junho a 14 de junho de 2021. N = 68.

Gráfico 3 (2/3)

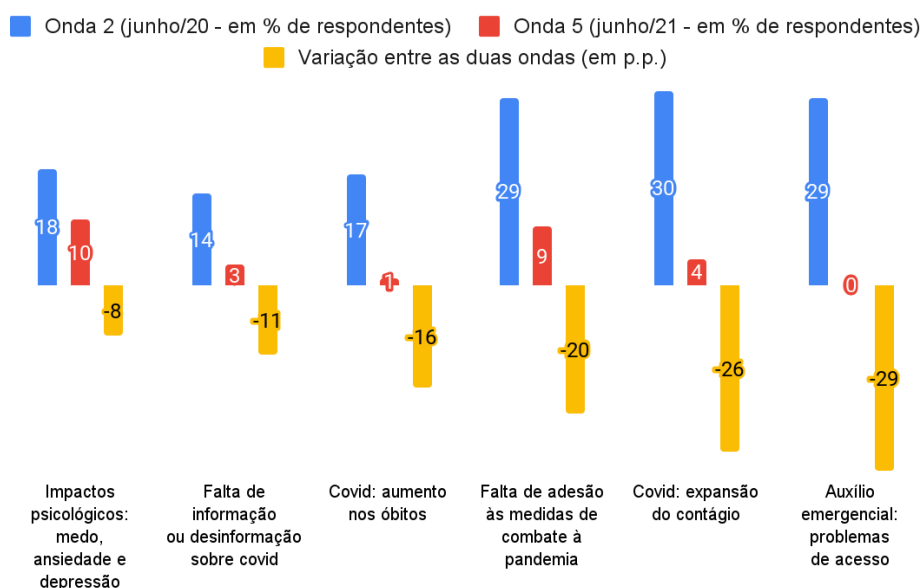
O retrato de um ano: problemas igualmente críticos na perspectiva das lideranças
 (junho/2020 vs. junho/2021)



Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.
 Onda 2: 25 de maio a 06 de junho de 2020. N=79. Onda 5: 1º de junho a 14 de junho de 2021. N = 68.

Gráfico 3 (3/3)

O retrato de um ano: problemas que se tornam menos críticos na perspectiva das lideranças
 (junho/2020 vs. junho/2021)



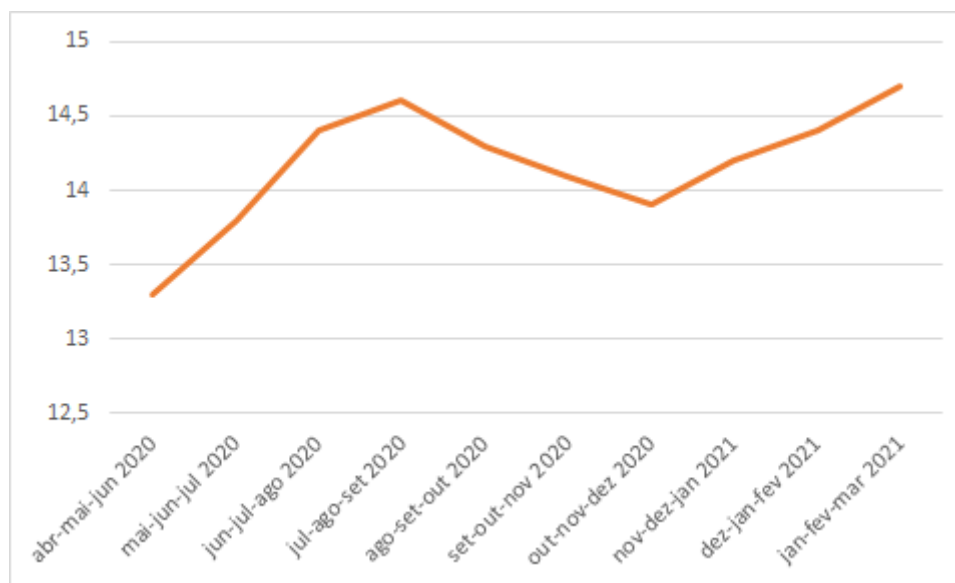
Fonte: Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias no Cenário da Covid-19. Resposta Múltipla em %.
 Onda 2: 25 de maio a 06 de junho de 2020. N=79. Onda 5: 1º de junho a 14 de junho de 2021. N = 68.

Outras dificuldades, no entanto, já estavam no radar dos entrevistados e passaram a ser mais lembradas por eles. Neste segundo caso, estão os relatos sobre a falta de infraestrutura à qual as populações socioeconomicamente mais vulneráveis se veem submetidas e também as dificuldades decorrentes da falta de emprego e renda. O aumento da menção a problemas nessas frentes reforça os resultados de outras sondagens, como, por exemplo, as do Observatório de Remoções - que identificou que, só na Região Metropolitana de São Paulo, 354 famílias foram removidas e outras 8.463 encontravam-se ameaçadas de remoção durante o primeiro trimestre de 2021 - e as do IBGE, que demonstram que, na comparação com junho de 2020, a taxa de desemprego subiu de cerca de 13% para quase 15% (ver gráfico 4), somando quase 15 milhões de desempregados em todo o país, enquanto o rendimento médio saiu de um platô entre maio e setembro daquele ano para um movimento de queda (ver gráfico 5).

Gráfico 4

Taxa de desocupação, abr-mai-jun 2020 - jan-fev-mar 2021

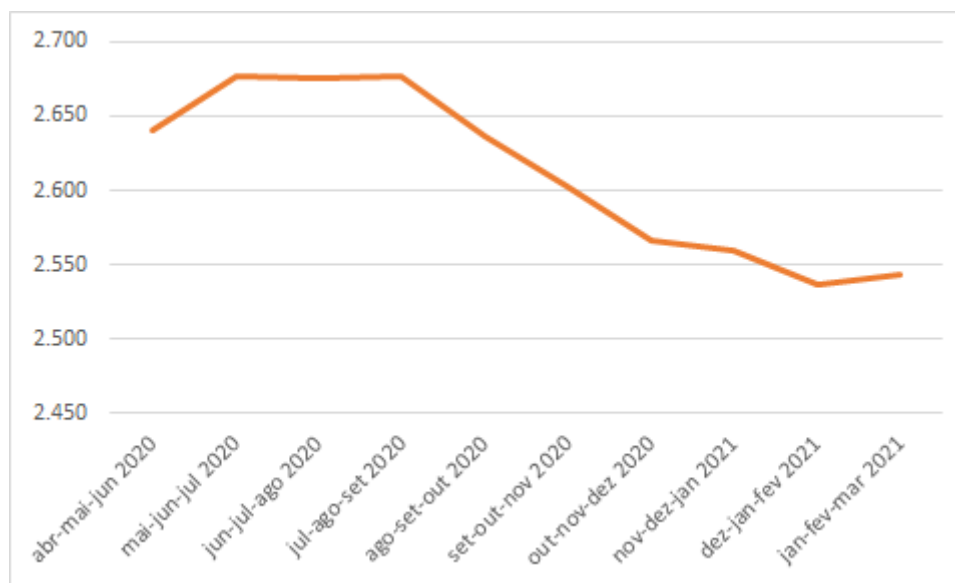
(em %)



Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua mensal

Gráfico 5

Rendimento médio, abr-mai-jun 2020 - jan-fev-mar 2021
(em R\$)



Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua mensal

Entre os problemas em que a perspectiva de gravidade se manteve estável e em patamar elevado destaca-se o caso da insegurança alimentar. A perspectiva das lideranças de que as dificuldades nessa área continuam tão graves quanto no início da pandemia ajudam a ratificar dados como os do “Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil”, que identificou que, em 2020, “Do total de 211,7 milhões de brasileiros(as), 116,8 milhões conviviam com algum grau de Insegurança Alimentar e, destes, 43,4 milhões não tinham alimentos em quantidade suficiente e 19 milhões de brasileiros(as) enfrentavam a fome”.

A estabilidade dessa perspectiva revela também que as medidas voltadas à resolução da insegurança alimentar podem não estar sendo suficientes. Conforme expostos nos gráficos 1 e 3, algumas lideranças passaram a criticar o valor do auxílio emergencial, considerado baixo, enquanto os relatos de outras apontam que as doações - tanto de alimentos, quanto de produtos de higiene (como máscara e álcool em gel) - já não são suficientes.

Por fim, chama atenção que, na comparação com junho de 2020, os participantes do Painel de Monitoramento de Lideranças Comunitárias tenham citado consideravelmente menos problemas como a expansão do contágio e o número de óbitos por Covid-19, o que pode indicar uma situação em que as dificuldades materiais - como fome, desemprego, condições de moradia e mobilidade - cresceram e passaram a ocupar mais espaço na vida cotidiana nos

territórios socialmente mais vulneráveis. No entanto, a preocupação, o sofrimento e o luto resultantes da pandemia de Covid-19 no Brasil seguem presentes, apesar de, com frequência, serem tratadas erroneamente como uma banalização da morte, conforme aponta uma das lideranças consultadas:

“As pessoas estão mesmo enfrentando uma guerra, uma guerra onde tem muita gente morrendo perto, então o luto está cada vez mais cotidiano, e não está sendo natural como colocam. Na grande mídia e em alguns debates a gente vê o pessoal dizendo que as pessoas já banalizaram a morte e isso é um equívoco, as pessoas estão sofrendo demais. [...] a gente se depara num momento que não dá para produzir nada, porque as pessoas estão sofrendo com um sofrimento mental muito grande, e que perde a mãe, quem perde o pai, um irmão para a covid não volta à vida ativa normalmente, porque ela vem cheia de ódio”

(Liderança comunitária de Guaianases - São Paulo, SP).

Recomendações

- Frente às privações das pessoas em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica, o governo federal deve considerar um novo aumento do auxílio emergencial, além de ampliar a base atendida pelo auxílio e prorrogar sua vigência até que haja uma recuperação consistente dos níveis de emprego e renda.
- Os governos (federal, estadual e municipal) devem reforçar e apoiar campanhas de doações de alimentos e produtos de higiene pessoal.
- Em parceria com as lideranças comunitárias, governos (federal, estadual e municipal), empresas e terceiro setor devem (re) avaliar se as estratégias de doação em vigor estão alcançando as comunidades mais vulneráveis.
- Também em parceria com as lideranças comunitárias, o poder público (federal, estadual e municipal) deve reforçar as campanhas de informação e conscientização a respeito da segurança e eficácia da vacinação e da importância da segunda dose no prazo correto, além de facilitar o acesso à vacina à população mais vulnerável com possíveis mudanças na logística de distribuição de vacinas.

Responsáveis pelo estudo:**Supervisão:** Graziela Castello (CEBRAP)**Coordenação:** Rodrigo Brandão (USP), Leonardo Fontes (CEBRAP) e Thayla Bicalho Bertolozzi (USP)**Pesquisadoras:** Laura Simões (CEBRAP), Juliana Shiraishi (CEBRAP), Isabella Esteves (USP) e Pedro Cesar Vivas (USP)